

Parceria

Saudades de Jorge

Porque foi essencialmente um homem de letras, raro, integral, sob uma espécie de baricentro borgeano, com seu *Aleph*, vivo e fascinante.

Jorge: monge beneditino, no coração da pós-modernidade, cujo incenso, na liturgia da palavra, era o cachimbo, *ceci n'est pas une pipe*, que compunha ao seu redor uma densa névoa. Das regiões setentrionais, fumo holandês, como revelou num passeio. Fumos de Holanda, entre Portugal e Recife. Armas de Holanda. Depois, *Fliegendeholländer* no Rio. E, naquela névoa, desenhava os olhos de Beatriz e Diadorim, das quais se enamorou. E no corpo de ambas, incerto e radioso, fez-se poeta e refinado tradutor. Teórico do processo de transporte da língua de partida para a de chegada, Jorge criou a teoria da negociação para o ofício aplicado no campo tradutório. *Traduttore, bel lettore.*

Longas conversas na Biblioteca Nacional: Jorge, Ivan Junqueira e eu, entre Dante, Eliot e Baudelaire. Jorge andava mergulhado até os ossos na tradução da *Divina comédia*, com aquele zelo etimológico da poesia, realmente notável. Ao fim dos cantos do Inferno, abre as portas de seu laboratório, comparando soluções com as de seus predecessores.

Ali Jorge consolidou uma poética, rimas camonianas, compassos e células rítmicas das tercinas, de modo original, como um largo *work in progress*.

Partiu cedo, mas o legado resta, valioso, tesouro incontroverso, realidade notavelmente expandida, como quem abraça a literatura-mundo.

Suas páginas dantescas emergem das águas do Capibaribe, de Bandeira e da hídrica, nada úmida, de João Cabral, assim como Drummond, no plano existencial, mais afinado com suas antenas e sensibilidade.

Alcançou agora a pluralidade agônica do alfabeto hebraico e o poema sem rosto, que vibra como pura energia.

E um físico pergunta: Por que não nos lembramos do futuro?

Marco Lucchesi

Para Márcia

Árvores urbanas que se comunicam
por raízes últimas com a Árvore;

pássaros que preservam a custo sua pátria
como se a levassem na asa;

águas represadas, falando de longe
com o mar;

teu olhar;
teu olhar.

Um poema que esqueceu aonde ia
e não pôde terminar;

a força que o fez nascer
doendo por inconclusa;

fotografias cortadas
que amputam corpos ou paisagens

e falam mais no que negam;
peças de metal que não sabemos de onde;

o que está no fim da música
e não alcançamos;

a ansiedade da altura
a ponte incompleta
estar no ontem
e o não possuir por lembrar:

teu olhar.
Teu olhar.

PARTE I

**Poemas para 2000 –
Jorge Wanderley**



Cartas passadas

A Rosalie e Carlos Lima

Se eu morrer amanhã, há de ter sido
ainda desta vez, só por aquele,
o movedor dos astros,
o que Dante
tratou bem, mas tratou mal, se andou distante,
perdido nas esferas e sem corpo:
não quero assim, fugido amante torpe,
entre fumos te ver, longínqua e pura,
que quero impuro o amor que me corrompe
e inscreve em ti o que não se ousaria,
mulher, floresta não,
bosque sem fim, obscuro e claro,
ó penedia
e primavera de guirlanda, o lume raro
que não redime
e amo rasgada, eu suicida, ó tudo,
ó nada, só meu sonho, claro crime.

EDITORIA
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

Livros iluminam

Este livro foi composto em Sabon LT Std pela Editora Penalux e impresso em papel off-white 80 g/m², em março de 2023.
